

QUILOMBOS

Sapê do Norte

GEACIO INDICA

*Dia Nacional de Zumbi e da
Consciência Negra*



Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Governo do Estado do Espírito Santo, ES, Brasil)

R759g

Romano, Juliana

Geaciq indica: quilombos (livro eletrônico). / Juliana Romano, Luanne Lima Ferreira, Marcia Helena do Nascimento; organização Andréa Guzzo Pereira [et al.]. Vitória, ES: SEDU, 2024.

32.165kb

Bibliografia

ISBN: 978-65-83536-12-9

1. Quilombos. 2. Povos quilombolas. 3. Educação – Espírito Santo (Estado). I. Romano, Juliana. II. Ferreira, Luanne Lima. III. Nascimento, Marcia Helena do. IV. Pereira, Andréa Guzzo. V. Título.

CDD: 307

CDU: 316.

Elaborado pelo Bibliotecário Gabriel de Menezes Oliveira - CRB6 4044/MG



Geaciq Indica - Quilombos

CAPA: Ticumbi, Conceição da Barra, 2018.

Fotografia: Douglas Bonella

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Governador José Renato Casagrande

Vice-governador Ricardo de Rezende Ferraço

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Secretário Vitor Amorim de Angelo

SUBSECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA E PROFISSIONAL

Subsecretária Andréa Guzzo Pereira

GERÊNCIA DE EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA, DO CAMPO, INDÍGENA E QUILOMBOLA

Gerente Aline de Freitas Dias

Subgerente Jania Aranda Correa Raimondi

Coordenação: Kelly Cristina Soares Lima

ORGANIZAÇÃO

Andréa Guzzo Pereira

Aline de Freitas Dias

Jania Aranda Correa Raimondi

Kelly Cristina Soares Lima

AUTORAS:

Juliana Romano

Luanne Lima Ferreira

Marcia Helena do Nascimento

FOTOGRAFIA:

Douglas Bonella

Jaddy Meira

Juliana Romano

COLABORADORES:

Alex Sandro Zorzal Vargas, Ana Paula Azevedo Moura Careta, Bianca Blandino Florentino, Jorcy Foerste Jacob, Jorge Vinícius Monteiro Vianna, Kleidiana Cássia Silva Borges, Liliane Tesch, Monique Santiago de Carvalho, Sara Kaliana de Almeida Ferreira, Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Espírito Santo.

CAPÍTULO

01

INTRODUÇÃO

Pág. 05

LIDERANÇAS QUILOMBOLAS

Pág. 21

04

CAPÍTULO

CAPÍTULO

02

SAPÊ DO NORTE

Pág. 10

QUILOMBOS ATUAIS

Pág. 28

05

CAPÍTULO

CAPÍTULO

03

ANCESTRALIDADE

Pág. 13

ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS

Pág. 36

06

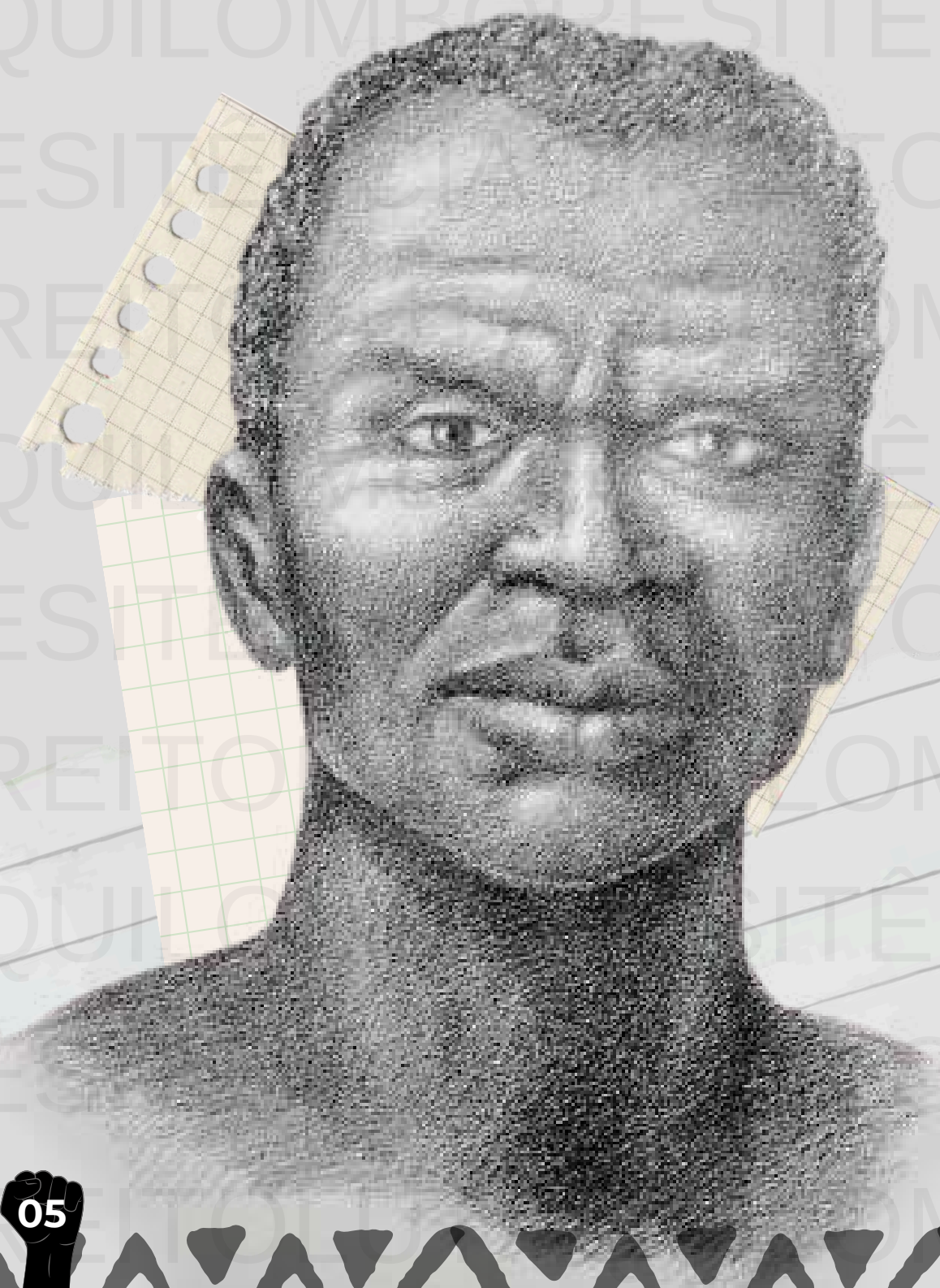
CAPÍTULO

“NÃO FIZEMOS OS QUILOMBOS SOZINHOS. PARA QUE FIZÉSSEMOS OS QUILOMBOS, FOI PRECISO TRAZER OS NOSSOS SABERES DE ÁFRICA, MAS OS POVOS INDÍGENAS DAQUI NOS DISSERAM QUE O QUE LÁ FUNCIONAVA DE UM JEITO, AQUI FUNCIONAVA DE OUTRO. NESSA CONFLUÊNCIA DE SABERES, FORMAMOS OS QUILOMBOS, INVENTADOS PELOS POVOS AFROCONFLUENTES, EM CONVERSA COM OS POVOS INDÍGENAS. NO DIA EM QUE OS QUILOMBOS PERDEREM O MEDO DAS FAVELAS, QUE AS FAVELAS CONFIAREM NOS QUILOMBOS E SE JUNTAREM ÀS ALDEIAS, TODOS EM CONFLUÊNCIA, O ASFALTO VAI DERRETER!”

(NEGO BISPO, 2023, P. 45)

01

Introdução



O Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, em 20 de novembro, marca a data em que Zumbi dos Palmares, grande líder do Quilombo dos Palmares, foi capturado e morto pelas forças coloniais em 1695. Esta data carrega um significado simbólico e foi oficializado no calendário escolar pela Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), tornando obrigatória a inclusão da temática "História e Cultura Afro-brasileira" no currículo das escolas.

Zumbi, nascido em Alagoas em 1655, é uma figura nacional da resistência e assim foi reconhecido pelo Movimento Negro, que, entre outras lutas por reparação histórica, reivindicou o registro da data. Como resultado dessa luta, o dia 20 de novembro foi instituído pela Lei nº 12.519/11 como o Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra, em intencional oposição ao 13 de maio — Dia da Abolição da Escravatura —, que, na visão da historiografia tradicional e positivista, minimiza ou omite a contribuição do Movimento Negro na luta por liberdade.

A data não celebra um ato de benemerência de pessoas não negras! A liberdade e o respeito aos direitos dos negros

no Brasil não foram presentes entregues por pessoas não negras benfeitoras. São resultado de resistência diária, de potentes corpos e mentes que se movimentam, não incansavelmente, mas obstinadamente, para serem e existirem.

É importante lembrar que o Brasil possui um número significativo de comunidades quilombolas, e o Espírito Santo não é exceção. O estado abriga várias dessas comunidades, especialmente na região Norte, como os Quilombos Negro Rugério, Zacimba Gaba, Benedito Meia Léguas, Teodorinho Trinca Ferro, Constância de Angola entre outros. Essas comunidades têm sido fundamentais na construção de uma estrutura coletiva, social e sustentável, refletindo a resistência e a preservação da cultura afrodescendente.



Casa de estuque em primeiro plano, 2012. Fotografia: Juliana Romano

Valorizando a presença de diversas comunidades quilombolas no Espírito Santo, a ação GEACIQ INDICA de novembro nos convida a acessar a história a partir da memória coletiva dos Quilombolas do Sapê do Norte, que preserva séculos de resistência contra tentativas de apagamento. Essa memória, transmitida pela oralidade, saberes e tantas outras identidades culturais, é fundamental para a visibilização da cultura afrodescendente e reconhecimento das lutas por direitos. No contexto de racismo estrutural, é uma forma de resistência e afirmação de identidade, além de contribuir para a desconstrução de estereótipos, fomentando um entendimento mais efetivo da sociedade.

Artigo 68/CF

A categoria jurídica dos Remanescentes de comunidades dos Quilombos foi estabelecida pela Constituição de 1988, com o objetivo de garantir à população negra rural direitos historicamente negados, como uma forma de reparação histórica e social.

O termo "Quilombo" não se refere apenas a um espaço territorial, mas também a uma identidade étnica e cultural de resistência, simbolizando a luta contra a opressão e a preservação da história de resistência dos antigos escravizados, e é regulamentada pelo Decreto 4.887/2003.

Art. 68 da Constituição Federal

DECRETO Nº 4.887, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2003



RESOLUÇÃO Nº 8, DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012

As revoltas, lutas e resistências dos negros no Brasil sempre se firmaram em um processo de organização política e social, como resposta à escravidão, ao racismo estrutural e à marginalização histórica.

A luta no quilombo é constante! E no âmbito educacional, ela se reflete na busca por um ensino

que reconheça e respeite as especificidades culturais, sociais e territoriais das comunidades Quilombolas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola são um exemplo dessa conquista, pois estabelecem a necessidade de uma educação que valorize a história, os saberes e as vivências dos quilombos.

RESOLUÇÃO Nº 8,
DE 20 DE NOVEMBRO DE 2012



Lei de Terras (1850)

A desigualdade social no Brasil está intimamente relacionada à concentração de terras e à discriminação racial, com origens históricas que remontam à Lei de Terras de 1850. Essa lei consolidou a estrutura fundiária colonial, que favorecia grandes proprietários e dificultava o acesso à terra pela população negra, impedindo qualquer tipo de reparação, o que levou os quilombolas e Movimento Negro a lutarem pelo reconhecimento legal dessas comunidades.

O processo contínuo de negação
(violação de pertencimento de territórios, grilagem de terras tradicionais, esbulho e perturbação de territórios) de direitos em que a terra, enquanto um bem fundamental para a sobrevivência e a liberdade, foi concentrada nas mãos de uma elite branca, além de silenciar as demandas por direitos territoriais, resultou na migração forçada da população negra para as periferias urbanas, num contexto de pobreza estrutural e discriminação.



Sapê do Norte



Fonte: Acervo Pessoal Bianca Blandino Florentino, 2024.

Historicamente, o “Sapê do Norte” se desenvolveu ao longo dos vales dos rios Cricaré e Itaúnas, região marcada por séculos de presença de comunidades negras e camponesas.

De acordo com a Fundação Palmares (2024), cerca de 60% das comunidades Quilombolas certificadas no ES estão na território do Sapê do Norte.

Mas... que lugar é esse???

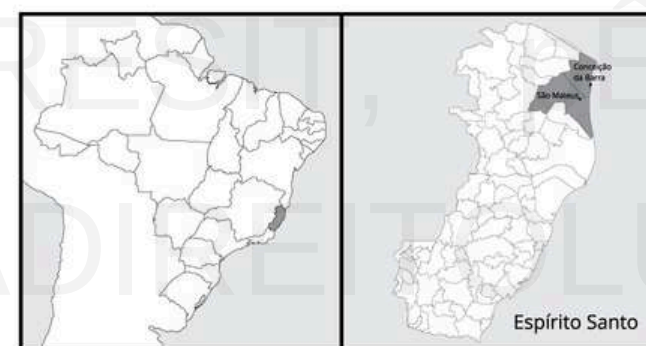
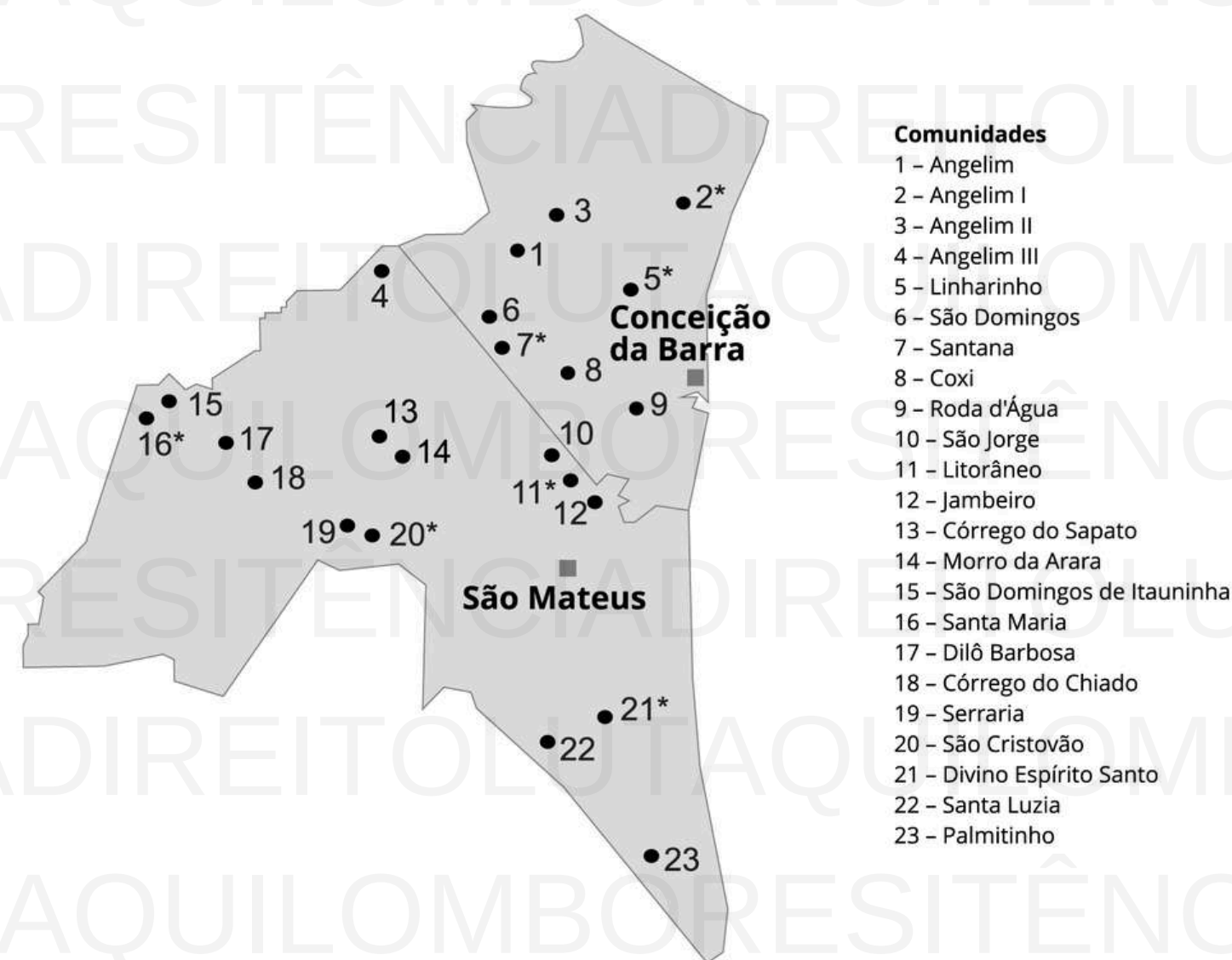
O território está localizado entre os municípios de São Mateus e Conceição da Barra, que de acordo com o IBGE (2022) são os municípios do estado com maior quantitativo de pessoas autodeclaradas pretas.

“Sapê” é o tipo de vegetação que era muito presente na região, e que, por mais que fosse retirada, sempre renascia, assim como a resistência dos povos que habitam a região, na luta pela terra e pela preservação de seus modos de vida.

Desde o período colonial, esses grupos se organizaram e se estabeleceram na área, apropriando-se dos recursos naturais e formando uma identidade coletiva, resistente às adversidades impostas pela escravidão.

Atualmente, de acordo com a Fundação Cultural Palmares, 39 comunidades do Espírito Santo são certificadas como remanescentes, marcadas por séculos de presença de comunidades negras e camponesas. Desde o período colonial, esses grupos se organizaram e se estabeleceram na área, apropriando-se dos recursos naturais e formando uma identidade coletiva, resistente às adversidades impostas pelo escravidão.

A certificação dos territórios quilombolas é um procedimento fundamental para assegurar os direitos territoriais, garantir o acesso a políticas públicas e fortalecer a luta pela preservação de suas terras e culturas. Além disso, 22 comunidades estão em processo de regularização fundiária junto ao INCRA SR20/ES.



Mapa das comunidades quilombolas da Região do Sapê do Norte, municípios de São Mateus e Conceição da Barra, norte do Espírito Santo, Brasil, 2017-2019.*

*<https://scielosp.org/article/csp/2021.v37n2/e00174919/>



Rio São domingos - Quilombo de Linharinho, 2008.
Fotografia: Juliana Romano

03 Ancestralidade

"Ancestralidade é vida enquanto possibilidade, de modo de ser vivo, estar em condição de encante, de pujança, de reivindicação da presença como algo credível" (Rufino, 2019).

A ancestralidade africana representa a conexão entre as gerações passadas, as de hoje e as futuras, formando um elo profundo com as tradições, valores, memórias e espiritualidade do povo africano e afrodescendente. Para as comunidades quilombolas, cultivar a ancestralidade é reconhecer que sua concepção de mundo, a ética da coletividade, presente nessas comunidades, é fruto do trabalho daqueles que as antecederam. A ancestralidade alimenta o conhecimento transmitido ao longo dos séculos, permanecendo presente na diáspora africana, fortalecendo o senso de pertencimento e união.

A colonização buscou de várias formas anular a história, a memória, os modos de vida, de ser e de estar no mundo, apagando os nomes originais de família dos colonizados, impondo-lhes uma língua e uma religião. No entanto, a força da ancestralidade manteve a conexão do povo negro com suas raízes culturais, com suas origens.

A ancestralidade é uma fonte de força e resiliência, lembrando sempre às comunidades quilombolas que, apesar das dificuldades e das tentativas de apagamento cultural ao longo da história, há uma herança de luta, sabedoria e espiritualidade que as sustenta e fortalece. Essa conexão com





os antepassados é também um fator de valorização da própria identidade, pois permite que os quilombolas se reconheçam como parte de uma história de resistência, superação e dignidade.

A sabedoria, em especial, das mulheres quilombolas do território de Sapê do Norte é profundamente marcada pela ancestralidade. Essas mulheres são, muitas vezes, lideranças em suas comunidades, guardiãs das tradições, dos conhecimentos, da cultura herdados de seus antepassados. Elas preservam e transmitem ensinamentos, como as práticas de cuidado com a terra e com a saúde e saberes sobre espiritualidade, culinária e artesanato. Um exemplo da força dessas mulheres está em dona Gessi Cassiano, Mestra do Jongo de Santa Bárbara, zeladora do Ponto de Memória Jongo de Santa Bárbara, um espaço de proteção, fortalecimento e promoção das tradições e religiosidade ancestrais africanas e afro-brasileiras.

Essas mulheres quilombolas de Sapê do Norte são a conexão fundamental entre os antepassados e as novas gerações do território, compartilhando seus conhecimentos ancestrais como um legado que inspira e guia, mantendo vivos os frutos dessa ancestralidade, como a capoeira; o jongo; a produção de farinha; o beiju; o dendê e as práticas de benzimento. É com o aprendizado das tradições que os jovens quilombolas compreendem a importância de suas origens e a responsabilidade de manter as culturas herdadas de seus ancestrais, promovendo o orgulho da própria história e cultura, garantindo, assim, a perenidade e valorização dessas heranças a gerações futuras.



“QUANDO NÃO SOUBER PARA ONDE IR, OLHE PARA TRÁS E SAIBA PELO MENOS DE ONDE VEM”.
PROVÉRBIO AFRICANO

Griots e griotes, guardiões das memórias e histórias

*Resgatar a nossa memória
significa resgatarmos a nós
mesmos das armadilhas da
negação e do esquecimento:
significa estarmos reafirmando a
nossa presença ativa na história
pan-africana e na realidade
universal dos seres humanos*

Abdias Nascimento, 1997

Os griots ou griotes (se mulheres) são os sábios anciões, reconhecidos e respeitados pela comunidade como os guardiões dos conhecimentos ancestrais africanos. São responsáveis pela perpetuação dos costumes, memórias e histórias de seus antepassados.

Em vários países da África, esse ofício é uma herança, passada de pai para filho. E lá, além de guardiões das tradições, eles também são chamados para resolver conflitos, dar conselhos e presidir cerimônias.

No Brasil, as comunidades quilombolas, com seus griots e griotes, também mantêm vivas as tradições africanas e afro-brasileiras, com as narrativas, cantigas, danças, religiosidade, espiritualidade e ciências de seus antepassados. São símbolos de resistência da preservação de memórias e histórias que garantem a ancestralidade e identidades do povo negro. As comunidades quilombolas, por meio de seus griots e griotes são uma referência contracolonialista, transmitindo os valores ancestrais, fortalecendo a conexão com seus antepassados, com seu território e com seu povo.

NASCIMENTO, Abdias do. Aspectos da Experiência Afro-brasileira. Palestra proferida na Nacional de Angola, em Luanda. In: NASCIMENTO, Abdias. Thoth: Escriba dos Deuses. Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes. Brasília: Gabinete do Senador Abdias Nascimento, v. 3, 1997.

NASCIMENTO, Márcia Helena do. O Griot e as narrativas de tradição oral na sala de aula [recurso eletrônico] / Márcia Helena do Nascimento, Nelson Martinelli Filho - 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.

Nego Bispo e a CONTRACOLONIALIDADE



Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), ou Nego Bispo, como é mais conhecido, foi uma das mais importantes e influentes lideranças Quilombolas. Ativista, poeta, filósofo, professor e escritor, Nego Bispo nasceu no Vale do Rio Berlingas, no Piauí. Seus primeiros conhecimentos sobre a terra, sobre a vida em comunidade adquiriu por meio de mestras e mestres do saber do Quilombo de Saco-Curtume, em São João do Piauí, onde viveu boa parte da sua vida. Em suas palestras e aulas, Nego Bispo sempre destacou os quilombos e aldeias como necessárias fontes de ensinamentos e, por isso, relevantes referências de saberes e fazeres. Para ele, o saber não pode ser visto como mercadoria. Nos quilombos e aldeias as mestras e mestres do saber ensinam para que o conhecimento permaneça vivo no outro. Todos são compartilhantes, pois mantêm uma relação de pertencimento com o quilombo e com tudo que há no ambiente - território, animais ou plantas. Nas palavras do ativista e pensador quilombola, “Quando você compartilha o saber, o saber só cresce. É como as águas que ‘confluenciam’. Quando o rio encontra o outro rio, ele não deixa de ser rio. Ele passa a ser um rio maior”. (Santos, 2023)

“SOMOS COMEÇO, MEIO E COMEÇO”
Nego Bispo, 2023

SANTOS, Antônio Bispo dos. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

Fonte da Imagem: <https://www.brasildefato.com.br/2023/12/04/estarei-vivo-mesmo-enterrado-disse-nego-bispo-quilombola-contracolonialista-que-morre-aos-63-anos#:~:text=Uma%20das%20maiores%20refer%C3%A2ncias%20do,como%20pessoas%20que%20devem%20ser>

Crítico contumaz da colonialidade, o pensador quilombola criou o que ele chamou de antídoto para esse veneno: o contracolonialismo. Segundo ele, o contracolonialismo é uma prática que vem com os africanos desde a África, com seus modos de vida, que também se assemelham aos modos de vida dos indígenas. E ele nomeou essas práticas chamando-as de contracolonialismo para enfraquecer a colonialidade. Para ele, esses modos dos quilombos e aldeias de ver e sentir o mundo são as maiores armas contracoloniais, são a força e a defesa contra a dominação colonialista. Há muitos quilombos pelo país afora e, em especial, no Espírito Santo, compartilhando sua cosmopercepção, suas memórias e histórias e lutando para manterem vivas suas origens, suas raízes.

“Se você foi colonizado e isso te incomoda, você vai precisar lutar para se descolonizar e descolonizar os seus. Isso é a função da decolonialidade. Eu sou quilombola, eu não fui colonizado. Porque, se eu tivesse sido colonizado, eu seria um negro incluído na sociedade brasileira. Então, no meu caso, eu tenho que contracolônizar – contrariar o colonialismo. (...) O colonialismo está aí vivente, cada vez mais sofisticado”.

*** Nego Bispo ***

FICA A DICA...

Você conhece as comunidades quilombolas do ES certificadas pela Fundação Palmares?
A partir da perspectiva dos quilombolas, o que cada uma delas teria a nos dizer sobre a história do nosso estado e dos municípios em que se localizam?

**“Nós carregamos a força, a vontade e a energia
ancestral que nos impulsiona a lutar por
liberdade”
(Oliveira, 2023, p. 60)**



Saberes Ancestrais: Dendê e Pedra de Curisco

A Cabula e as Mesas de Santo*, cultos afro-brasileiros ligados à ancestralidade dos quilombolas do Sapê, enfrentaram forte oposição da Igreja Católica no período colonial. O sincretismo religioso presente na religiosidade do território reflete a história de perseguição e é personificada por meio da figura de Santa Bárbara, que também é padroeira da igreja católica na comunidade de Linharinho.

O dendê e a pedra de curisco são elementos naturais ainda hoje usados nos rituais da Mesa de Santa Bárbara. O dendê está associado ao poder curativo. A fumaça das celebrações purifica e afasta os maus espíritos. A água do rio, utilizada no ritual, é reaproveitada para lavar o corpo, servindo como um amuleto de proteção.

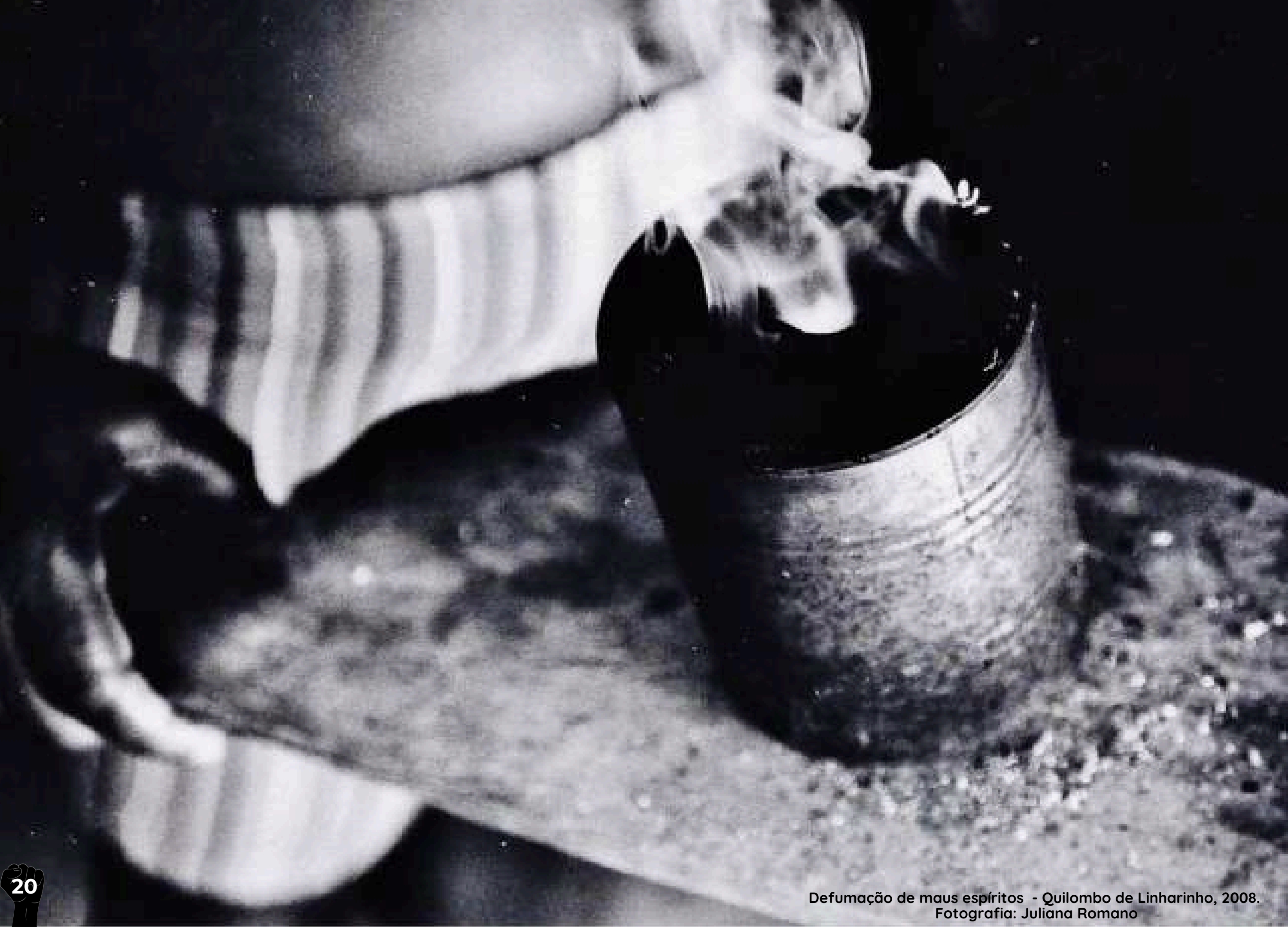


Lavagem da Mesa de Santa Bárbara. Fotografia: Juliana Romano

A pedra de curisco, também chamada de "pedra do trovão" pelos quilombolas, se forma no solo durante as trovoadas, quando o trovão, enviado por Santa Bárbara em seu momento de fúria, perfura a terra. Durante as trovoadas, os moradores temem o trovão e costumam esconder objetos metálicos e espelhos, acreditando que atraem as descargas elétricas para dentro das casas.

A espiritualidade é um vínculo entre o passado e o presente e, portanto, fundamental para compreender os objetos ideológicos, pois contribui para a formação das subjetividades e estabelece uma conexão entre a geração atual e os antigos quilombos.

*Para saber mais sobre esse assunto, acesse: <https://kn.org.br/oq/2019/02/19/um-pouco-de-historia-cabula-culto-afrobrasileiro-do-sape-do-norte-es/>



Defumação de maus espíritos - Quilombo de Linharinho, 2008.
Fotografia: Juliana Romano

Lideranças Quilombolas

ZACIMBA GABA



No Brasil, a história, durante muito tempo imposta como oficial, foi escrita predominantemente por uma elite branca que, ao longo dos séculos, construiu uma narrativa a partir dos seus interesses, ocultando a perversidade de suas ações e o protagonismo de povos minorizados.

Uma das histórias não contadas pelos escritos coloniais foi a de Zacimba Gaba, princesa de Cabinda (em Angola, África), traficada para o Brasil durante o século XVIII. Era constantemente acusada pelos opressores como rebelde, por lutar contra a opressão do fazendeiro José Trancoso. Ela se libertou e pôs em liberdade as pessoas por ele escravizadas, formando um Quilombo, onde hoje se situa a Vila de Itaúnas. Sob a liderança da princesa, os Quilombolas passaram a interceptar os navios que chegavam ao Porto de São Mateus para libertar os africanos que haviam sido sequestrados.

A partir de agora, vamos conhecer um pouco mais sobre o povo quilombola de Sapê do Norte e suas histórias de lutas e resistência.

BENEDITO MEIA-LÉGUA



Benedito Caravelas, popularmente conhecido como Benedito Meia-Légua, foi um dos líderes que lutaram pela liberdade no território do Sapê do Norte. Devoto de São Benedito, carregava uma imagem do santo e participou da Irmandade de São Benedito dos Homens Pretos, onde se discutiam e organizavam fugas e estratégias para a libertação dos trabalhadores escravizados.

Além disso, a irmandade organizava a Festa de São Benedito, que incluía dramatizações das lutas entre as nações de Congo e Bamba - o “Ticumbi” - que serviam como orientação para as ações de resistência.

Conhecido por realizar ataques a fazendas com grandes quantidades de trabalhadores escravizados em condições extremas de tortura, Benedito Meia-Légua atraía a adesão de trabalhadores libertos.

Para protegê-lo de ser capturado, eles se organizavam em pequenos grupos, com um líder em cada um, que se vestia como Meia-Légua, confundindo os capitães do mato e dificultando sua localização.

Benedito Meia-Légua se escondia das tropas oficiais dentro de uma árvore oca chamada Farinha Seca. Quando os oficiais descobriram seu refúgio, cobriram o buraco e atearam fogo. No entanto, a imagem de São Benedito que ele carregava não se queimou, sendo jogada no Córrego Piabas pelos agentes e, mais tarde, recuperada pelos quilombolas da região.

BENEDITO MEIA-LÉGUA E O TICUMBI



Ticumbi, Conceição da Barra, 2017
Fotografia: Douglas Bonella

O Baile do Congo de São Benedito ou Ticumbi de Conceição da Barra é uma manifestação cultural afro-brasileira - realizada como protesto à situação de opressão -, é formada por Quilombolas de diversas comunidades do Sapê do Norte.

Tocada ao som de pandeiros e viola, o enredo envolve o duelo entre o Rei de Congo e o Rei de Bamba - junto aos seus embaixadores - pela realização da festa a São Benedito.

São realizados vários ensaios antes do Ensaio Geral, no dia 30 de dezembro, às margens do rio Cricaré, e as comemorações continuam até o dia seguinte ao som do forró sapezeiro. Um cortejo de barcos se dirige ao Córrego Piabas para buscar a imagem de São Benedito, ao som do jongo.

No dia 01 de janeiro, com roupas brancas, coroa de flores e fitas coloridas, acontecem as apresentações de gala, na porta da Igreja de São Benedito, em Conceição da Barra.

NEGRO RUGÉRIO

Em meados do século XIX, Negro Rugério, de origem angolana, formou um Quilombo, onde hoje se encontra o povoado de Santana, em Conceição da Barra. Dona Rita Cunha, proprietária das terras da região, já conhecendo as habilidades de mestre farinheiro, firmou com ele um acordo: ela não chamaria a Força do Governo da Província e, em troca, ele venderia a farinha pela metade do preço, descontando a parte que deveria ser paga por cada trabalhador escravizado que havia fugido e suprimindo as demandas comerciais pelo produto. As casas de raspas eram as cooperativas quilombolas que abasteciam as produções, uma metodologia do Negro Rugério, para uma economia de participação. Inclusive uma forma de negociar a liberdade dos negros pela cooperação da produção de farinha.



Farinheira antiga. Linharinho, 2008. Fotografia: Juliana Romano

A produção de farinha é, ainda hoje, uma atividade econômica importante e um elemento simbólico de reafirmação cultural dos Quilombolas que descendem do Quilombo do Negro Rugério.

O feíto da farinha e do beiju faz parte da história dos cultivos de mandiocas que os quilombolas preservam. O beiju é uma importante fonte de renda e de cultura para o território quilombola do Sapê do Norte.

Em agosto deste ano de 2024, o Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), reconheceu a qualidade, a origem e a tradição da produção do Beiju de Sapê do Norte por meio do IG (Indicação Geográfica), ampliando o acesso ao mercado e promovendo o desenvolvimento regional.



Fonte: Acervo Pessoal Bianca Blandino Florentino, 2024.



PRETO BONGO

Mestre do saber, Preto Bongo, proveniente da Guiné, detinha o conhecimento das ervas e era temido por todo o Vale do Cricaré pelo poder de comunicar-se com Baculos*.

Conta-se que ele foi chamado com urgência para curar a filha de um senhor abastado, mas que, inicialmente, o pai resistiu em deixar que um homem negro se aproximasse de sua filha (Aguiar, 2001). A menina, picada por uma cobra, estava à beira da morte, e os recursos médicos disponíveis haviam se esgotado. Preto Bongo disse que o veneno perderia o efeito apenas se ele cuspsse dentro da boca da menina.

Ao perguntar à menina se ela aceitaria que ele cuspsse em sua boca, ela consentiu, mas ele respondeu que o que realmente cura “é a vontade de viver e o amor no coração” (p.115). Em vez de cuspir, usou seus conhecimentos das ervas e dos óleos para curá-la.



Casario do Porto de São Mateus
Foto divulgação [Iphan, s/d]

* Força espiritual da “Cabula” (um antigo ritual de matriz africana praticado em meio à mata)

* AGUIAR, Maciel de. Os Últimos Zumbis: a saga dos negros do Vale do Cricaré durante a escravidão. Brasil Cultura, BA, 2001.

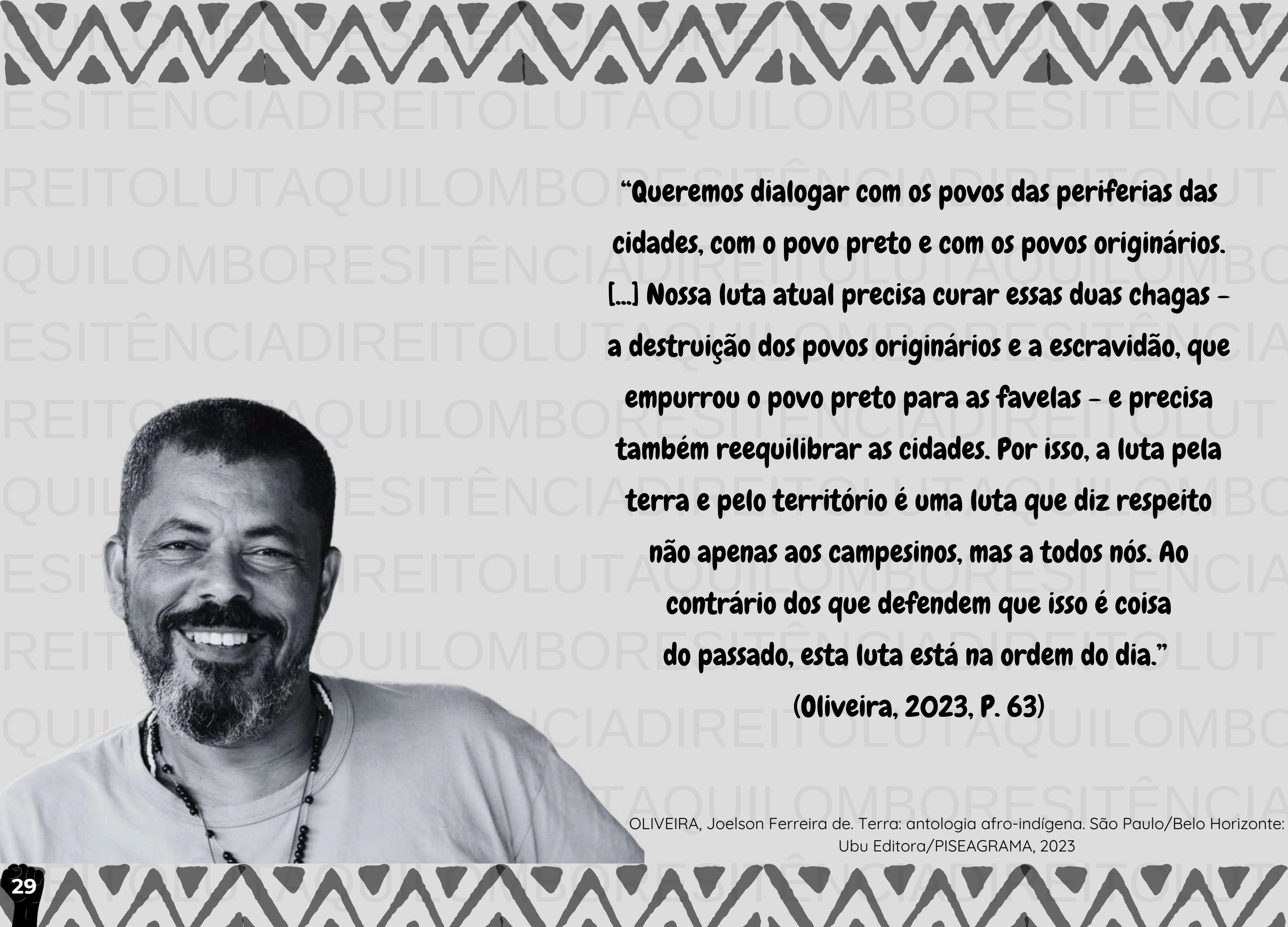


Os Quilombo Atual



A ideia de quilombo é central para entender o conceito de quilombismo elaborado por Abdias Nascimento. Ao longo da história, a comunidade afro-brasileira foi destituída de sua identidade, cultura e história por meio da escravização e do processo de colonização. O quilombo, como Nascimento sugere, representa não só uma fuga física, mas também uma tentativa de resgatar e preservar formas de vida, valores e práticas culturais africanas que estavam sendo apagadas pelo domínio europeu/brancocêntrico. E, portanto, o quilombismo é uma forma de resistência cultural, baseada na reconstrução das identidades ancestrais e na valorização da herança africana.

O “aquilombamento” é um termo utilizado por movimentos negros para se referir à organização comunitária e à resistência coletiva contra o racismo estrutural e a marginalização social. Ali existem espaços de trocas, de solidariedade, autonomia e de apoio mútuo, onde pessoas negras compartilham experiências e se afirmam suas identidades, livres das estruturas opressoras.



“Queremos dialogar com os povos das periferias das cidades, com o povo preto e com os povos originários. [...] Nossa luta atual precisa curar essas duas chagas – a destruição dos povos originários e a escravidão, que empurrou o povo preto para as favelas – e precisa também reequilibrar as cidades. Por isso, a luta pela terra e pelo território é uma luta que diz respeito não apenas aos camponeses, mas a todos nós. Ao contrário dos que defendem que isso é coisa do passado, esta luta está na ordem do dia.”

(Oliveira, 2023, P. 63)

OLIVEIRA, Joelson Ferreira de. Terra: antologia afro-indígena. São Paulo/Belo Horizonte: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

A HERANÇA DE ZACIMBA E JOSI SANTOS: LUTA EM DEFESA DOS SEUS

COTIDIANO

COMPLÂXAS 2024 | COTIDIANO | QUILOMBO | CULTURA | AFRICA & QUÊSPOA | ALMA PRETINA | SAÚDE | COTIDIANO | INVESTIGAÇÃO

Quilombola é finalista em prêmio internacional de advocacia

A advogada Josi Santos concorre na categoria de Direitos Humanos do prêmio Best Sisters in Law; a escolha será por voto popular até o dia 30 de janeiro



Fonte: Alma Preta Jornalismo, jan/2024

Já se passaram mais de 300 anos desde a formação do primeiro quilombo no território do Sapê do Norte. Outros quilombos surgiram a partir de histórias familiares entrelaçadas, que continuam a se conectar na região.

Apesar do tempo, as comunidades que ali se encontram ainda lutam para permanecer nas terras conquistadas por seus ancestrais, e continuam resistindo a diversas tentativas de apagamento do seu povo, de sua história.

Josi dos Santos, quilombola e descendente de toda a ancestralidade que lutou pela liberdade no território do Sapê, dedica sua trajetória na defesa dos direitos do seu povo. Em reconhecimento a essa luta, foi recentemente indicada ao Prêmio Internacional “Best Sisters in Law”, concedido pelo grupo Black Sisters in Law, rede de conexão entre advogadas negras. Além disso, participa da Rede Nacional de Advogadas e Advogados Quilombolas (RENAAQ), e da Coordenação Nacional de Articulação dos Quilombos (CONAQ). É, também, uma das coordenadoras da Rede de Cursinhos Populares Afirmação - Núcleo Vitória/Território do Bem -, que busca preparar estudantes de origem popular para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

BIANCA BLANDINO FLORENTINO

Nascida e criada no território quilombola do Sapê do Norte, Espírito Santo, município de Conceição da Barra ES, Bianca, é professora de Física na rede estadual, secretária da Comissão Permanente de Estudos Afro-brasileiros (Ceafro - São Mateus/ES), membra do Grupo de trabalho da Educação quilombola do Sapê do Norte e mestranda do programa de pós graduação em Educação em Ciências e Matemática (Educimat - Ifes). “Sou mulher negra, quilombola, do campo no campo e para o campo. Filha única de mulher. [...] Toda a minha história é imbricada pelo movimento social negro, em todas as fases de minha vida, participava de reuniões com minha mãe. Mais tarde, do grupo de jovens e seguindo em buscas de respostas, ingressei no ensino superior. Interrogava os professores pela história não contada dos negros da nossa região, uma vez que ouvia, enquanto criança, meus pais e meus avós falarem dos feitos e astúcias dos negros valentes que por ali andavam.”



Fonte: Acervo Pessoal Bianca Blandino Florentino, 2024..

Para a professora, “resistir para as comunidades negras do norte capixaba é sinônimo de fortalecer a luta coletiva. Essa resistência vai além de uma simples oposição, ela representa a busca por sair das condições de desigualdade social que permeiam suas vidas diárias. Para essas comunidades, a resistência significa, acima de tudo, preservar tradições, modos de vida e, crucialmente, modos de subsistência que são constantemente ameaçados pela destituição de seus Territórios”



Fotografia: Jaddy Meira

**“Por menos que conte a História, não te
esqueço meu povo. Se Palmares não vive
mais, faremos Palmares de novo!”
(LIMEIRA, 2021)**

Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/11-textos-dos-autores/294-jose-carlos-limeira-textos-selecionados>

Exemplos de espaços de quilombamento

Instituto Serenata d'Favela



Foto/divulgação: Ana Luzes

O Serenata realiza diversos projetos cuja missão é a transformação social por meio da arte e da cultura, dando oportunidades ilimitadas às crianças e jovens das favelas, ajudando-os a realizar sonhos por meio do uso de todo seu potencial.

Endereço: Rua São Gabriel nº45 - Bairro Morro do Quadro,
Vitória - ES

TEL: (27) 3317-8298 (27) 99815-8633

No Geacid Indica de Outubro, apresentamos espaços que preservam narrativas de luta e resiliência, tais como a Biblioteca Quilombola "Luzia dos Santos", Ponto de Memória Jongo de Santa Bárbara, Museu Capixaba do Negro Verônica da Pas (Mucane), Espaço cultural/templo sagrado IAOTO – Ilé Asé Odé T'Oju Omo etc.

Convidamos você a acessar o link abaixo e conhecer o material "20 Lugares de Memória e Resistência Indígenas e Afro-brasileiras".

GEACIQ INDICA- ERER

20 LUGARES DE MEMÓRIA E RESISTÊNCIA INDÍGENAS E AFRO-BRASILEIRAS

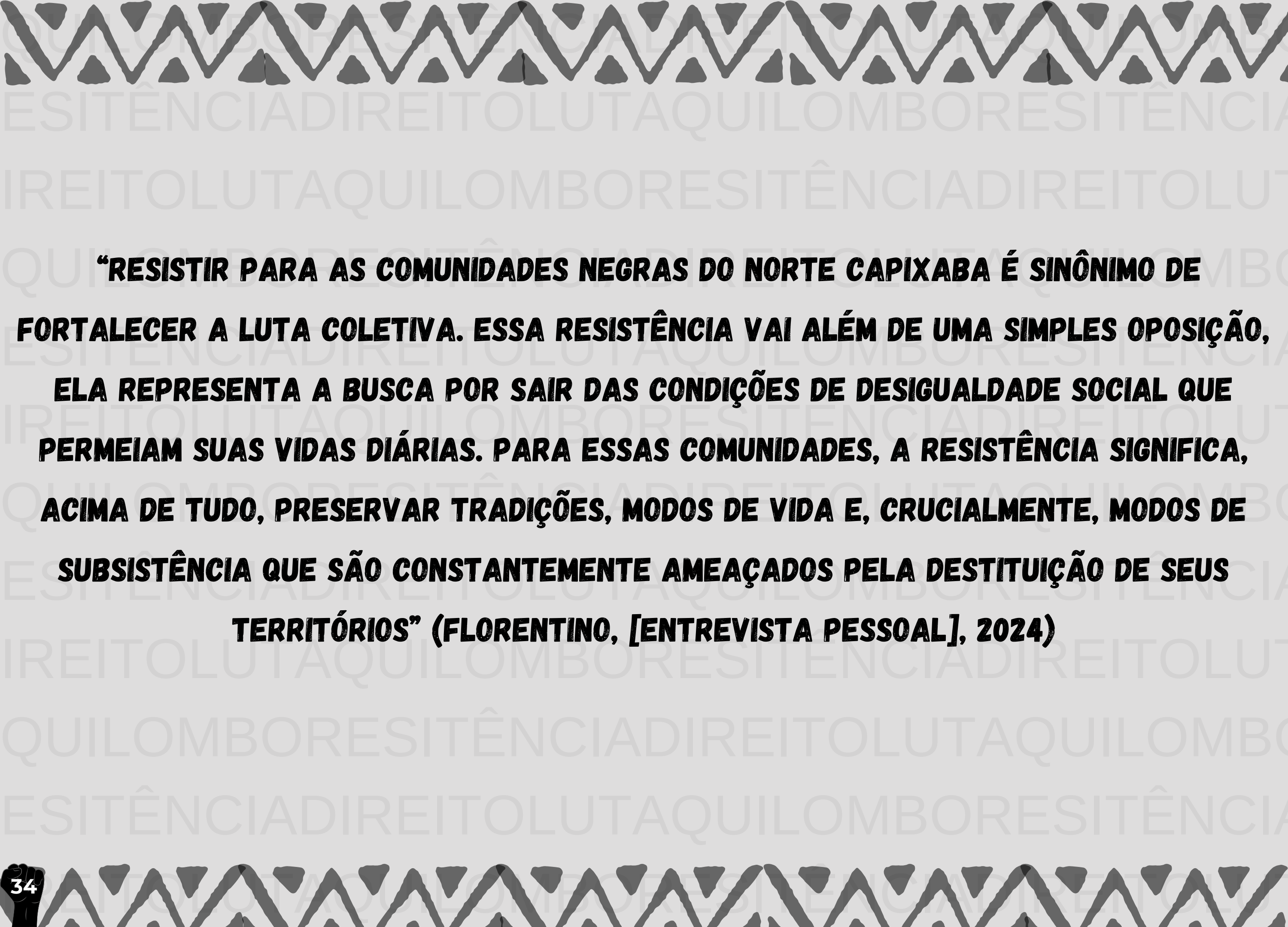


https://curriculo.sedu.es.gov.br/curriculo/wp-content/uploads/2024/10/Geaciq-Indica_ERER_Outubro.pdf

Indica_ERER_Outubro.pdf



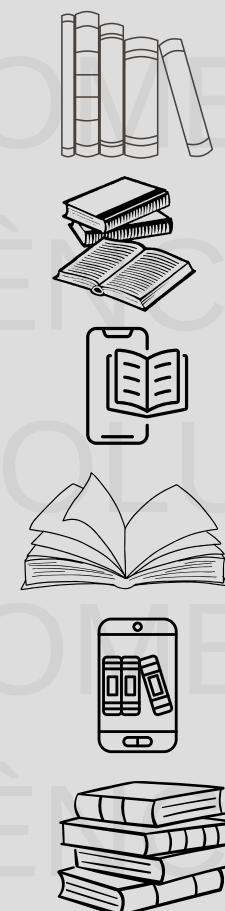
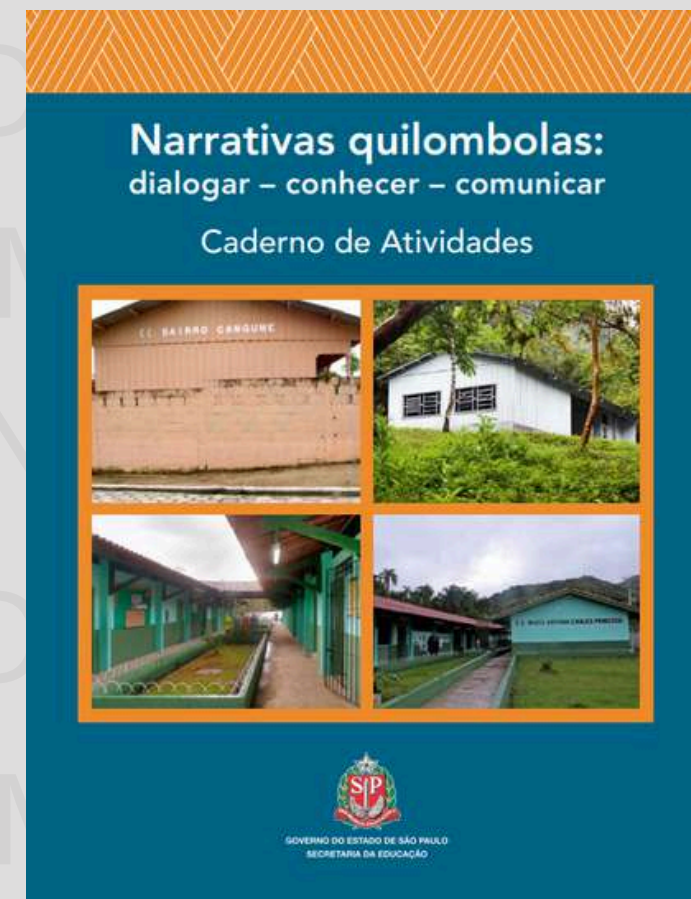
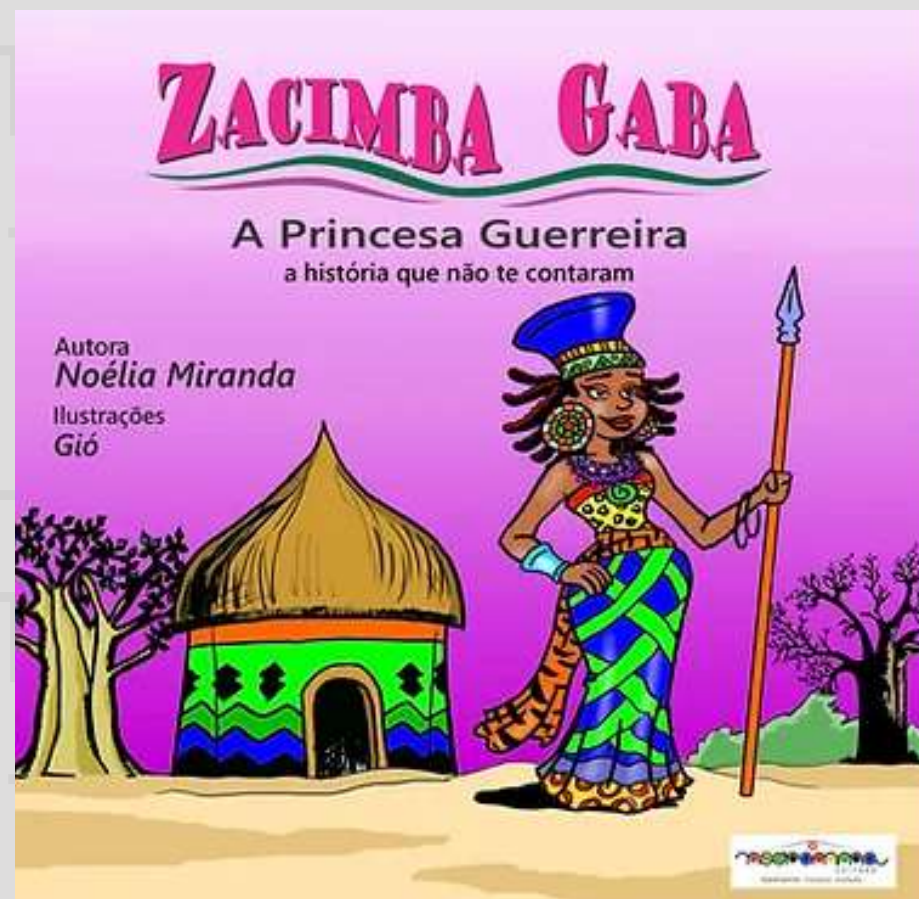
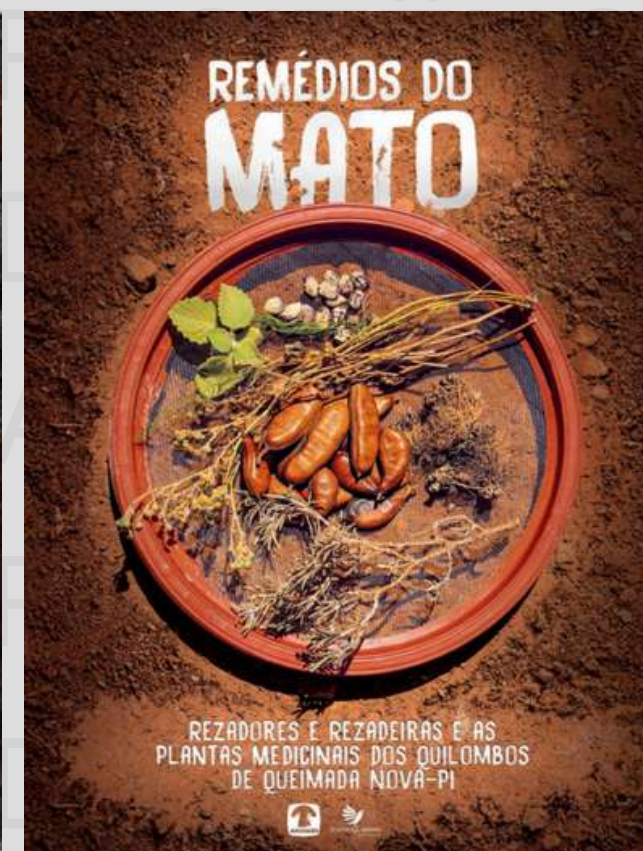
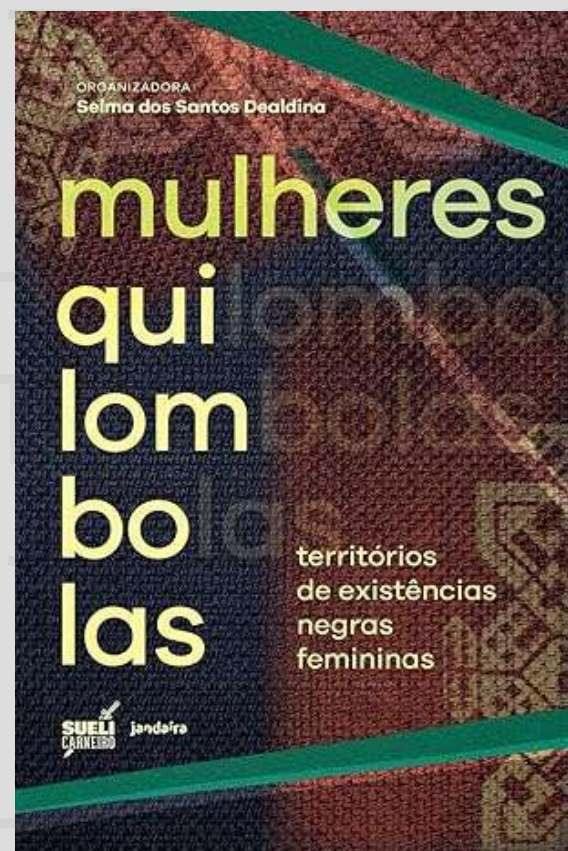
OUTUBRO/2024



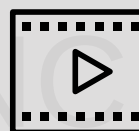
“RESISTIR PARA AS COMUNIDADES NEGRAS DO NORTE CAPIXABA É SINÔNIMO DE FORTALECER A LUTA COLETIVA. ESSA RESISTÊNCIA VAI ALÉM DE UMA SIMPLES OPOSIÇÃO, ELA REPRESENTA A BUSCA POR SAIR DAS CONDIÇÕES DE DESIGUALDADE SOCIAL QUE PERMEIAM SUAS VIDAS DIÁRIAS. PARA ESSAS COMUNIDADES, A RESISTÊNCIA SIGNIFICA, ACIMA DE TUDO, PRESERVAR TRADIÇÕES, MODOS DE VIDA E, CRUCIALMENTE, MODOS DE SUBSISTÊNCIA QUE SÃO CONSTANTEMENTE AMEAÇADOS PELA DESTITUIÇÃO DE SEUS TERRITÓRIOS” (FLORENTINO, [ENTREVISTA PESSOAL], 2024)



Alternativas Pedagógicas









HABILIDADES ES/2024

EF02HI02/ES Identificar e descrever práticas e papéis sociais que as pessoas exercem em diferentes comunidades, valorizando a história oral e os conhecimentos da memória coletiva e individual dos povos e comunidades tradicionais que habitam nosso Estado.

EF02HI01/ES Reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco, percebendo aproximações de comportamento e compreendendo que as diferenças devem ser respeitadas. A convivência em grupo exige respeito ao outro, identificando personagens em faixa etária variada e grupos étnicos diversos, trazendo relatos de vida, considerando o autoconhecimento e o conhecer do outro fundamental para estabelecer vínculos sociais e perspectivas de futuro que respeitem o diverso e compreendam identidades.

EF69AR23-06/ES Explorar e criar improvisações, composições, arranjos, jingles, trilhas sonoras, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos acústicos ou eletrônicos, convencionais ou não convencionais, expressando ideias musicais de maneira individual, coletiva e colaborativa. Além disso, estimular-se para um fazer musical espontâneo e autêntico, com respeito e valorização dos elementos que constituem a diversidade cultural brasileira.

EF07HI09/ES Analisar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e africanas e identificar as diversas formas de resistência: guerra justa, fuga para o interior, suicídios, banzo, criação de quilombos, abortos, religião e sincretismos, danças, músicas e o resgate de histórias de personagens símbolos de resistência.



EF09HI026/ES Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas. Problematisando índices e dados da vitimização e mortalidade de minorias (afrodescendentes, mulheres, crianças e adolescentes, idosos, etc.) no sentido de buscar projetos de vida que contribuam para perspectivas que levam à cultura de paz e respeito à diversidade no Espírito Santo, na comunidade e na unidade escolar.

EM13LGG401ARTa/ES Analisar criticamente expressões artísticas e culturais de modo a compreender e caracterizar as linguagens como fenômeno (geo)político, histórico, social, cultural, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, incluindo as produções das comunidades tradicionais presentes no território capixaba (quilombolas, pomeranos, indígenas, entre outros).

EM13CHS215GE0/ES Analisar os fluxos migratórios pela perspectiva, social, econômica, religiosa, territorial, cultural problematisando os seus impactos na população mundial.

EM13CHS109GEO/ES Comparar, analisar avaliar as modificações das paisagens do contexto local para o global e o uso desses lugares em diferentes tempos por diferentes tipos de sociedade com destaque para os povos originários.

EM13CHS601HIS/ES Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual, valorizando o protagonismo dos movimentos indígenas e negro no Espírito Santo e no Brasil.

EFCICLO1EF01/ES/EJA Conhecer as origens históricas dos jogos, brincadeiras, cantigas, valorizando e resgatando as memórias dos povos, reconhecendo os significados que lhes são atribuídos.



EFCICLO02CN30/ES/EJA Reconhecer a importância da Química e da Física no cotidiano compreendendo-as nas dimensões científicas, das culturas populares e dos povos originários.

EFCICLO1GEO02/ES/EJA Identificar e descrever a diversidade de territórios étnico culturais existentes no Espírito Santo e no Brasil, como terras indígenas e quilombolas, observando semelhanças e diferenças entre os diversos espaços e em diferentes épocas.

EFCICLO1GEO26/ES/EJA Selecionar, em seus lugares de vivência e em suas histórias familiares e/ou da comunidade, elementos de distintas culturas (indígenas, afrobrasileiras, de outras regiões do país, latinoamericanas, europeias, asiáticas etc.), valorizando o que é próprio em cada uma delas e sua contribuição para a formação da cultura local, estadual, regional e brasileira.

EFCICLO1GEO31/ES/EJA Identificar e descrever territórios étnico-culturais existentes no Brasil, tais como terras indígenas e de comunidades remanescentes de quilombos, reconhecendo a legitimidade da demarcação desses territórios.

EFCICLO2HI04/ES/EJA Reconhecer o processo de construção e caracterização da identidade social do estado do Espírito Santo como consequência de influências religiosas, políticas e de costumes de diferentes etnias.

EFCICLO2HI24/ES/EJA Discutir como a exploração de recursos naturais e as atividades agropecuárias impactam o modo de vida das comunidades e dos povos tradicionais (quilombolas, pescadores, indígenas, paneleiras, entre outros).

EFCICLO3HI09/ES/EJA Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e no Espírito Santo, com destaque ao papel do porto de São Mateus como local de forte comércio de escravizados.

"Fogo! ... Queimaram Palmares, nasceu Canudos

**Fogo!... Queimaram Palmares,
Nasceu Canudos.**

**Fogo!... Queimaram Canudos,
Nasceu Caldeirões.**

**Fogo!... Queimaram Caldeirões,
Nasceu Pau de Colher.**

Fogo!... Queimaram Pau de Colher...

E nasceram, e nasceram tantas outras comunidades que os vão cansar se continuarem queimando.

Porque mesmo que queimam a escrita,

Não queimarão a oralidade.

Mesmo que queimem os símbolos,

Não queimarão os significados.

Mesmo queimando o nosso povo

Não queimarão a ancestralidade.



Antônio Bispo dos Santos, 2023, p.33

SANTOS, Antônio Bispo. COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS modos e significados. 2ª Edição. Brasília, 2023



Ticumbi, Conceição da Barra, 2018. Fotografia: Douglas